
**JESUS HISTÓRICO:
ELEMENTOS QUE COMPÕEM SUA IMAGEM**

Luiz Edgar Ortigoza
Oslei do Nascimento
Emerson Mildenberg

RESUMO

A presente pesquisa tem como tema o estudo sobre as evidências históricas da existência de Jesus de Nazaré, figura central da Bíblia, a Palavra de Deus. A pesquisa se justifica pelo fato de o Novo Testamento não apresentar uma imagem histórica necessariamente precisa da vida de Jesus Cristo. Pesquisar as principais fontes que contribuem para uma melhor visão do período e local em que Jesus viveu, e que auxiliam a moldar a sua imagem histórica, é importante para uma melhor compreensão de sua mensagem. O objetivo geral é identificar as principais evidências que contribuem para compor a imagem do Jesus histórico. A metodologia adotada para o desenvolvimento desta pesquisa foi a revisão de literatura. Foram coletados artigos escritos publicados entre 2002 e 2021, buscados sob os seguintes descritores: "Jesus histórico"; "Evangelho"; "Arqueologia". Os artigos foram buscados nas bases de dados Scielo e Google Acadêmico, sendo escolhidos com base em sua relação com o tema. Foram selecionados trabalhos escritos em português, e desprezados aqueles escritos em outras línguas. A construção do Jesus histórico é uma tarefa árdua e complexa, e que talvez jamais apresente uma resposta definitiva. Apenas com uma análise abrangente é possível oferecer respostas sólidas nessa construção.

181

Palavras-chave: Jesus Histórico. Evangelho. Estudos em Teologia.

ABSTRACT

The present research has as its theme the study of the historical evidences of the existence of Jesus of Nazareth, central figure of the Bible, the Word of God. The research is justified by the fact that the New Testament does not present a necessarily accurate historical picture of the life of Jesus Christ. Researching the main sources that contribute to a better view of the period and place in which Jesus lived, and that help to shape his historical image, is important for a better understanding of his message. The general objective is to identify the main evidences that contribute to compose the image of the historical Jesus. The methodology adopted for the development of this research was the literature review. Written articles published between 2002 and 2021 were collected, searched under the following descriptors: "historical Jesus"; "Gospel"; "Archeology". The articles were searched in the Scielo and Google Academic databases, being chosen based on

their relationship with the topic. Works written in Portuguese were selected, and those written in other languages were discarded. The construction of the historical Jesus is an arduous and complex task, and one that may never provide a definitive answer. Only with a comprehensive analysis is it possible to offer solid answers in this construction.

Keywords: Historical Jesus. Gospel. Studies in Theology.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como tema o estudo sobre as evidências históricas da existência de Jesus de Nazaré, figura central da Bíblia, a Palavra de Deus. Trata-se de um campo de estudos existente desde o século XVIII, apoiado na concepção da história dentro do método científico, a forma que a disciplina é compreendida no mundo contemporâneo.

Assim, esses estudos envolvem a biografia de Jesus como apresentada nos Evangelhos, bem como pesquisas sobre o modo de vida do local e época em que Jesus viveu, a Palestina do século I. Achados arqueológicos e estudos historiográficos tentam reproduzir esse contexto nos campos religioso, sociológico e histórico. Também são utilizadas outras fontes que o descrevem, como relatos históricos de autores dos primeiros séculos e evangelhos apócrifos.

A busca pelo Jesus histórico procura melhorar a contextualização do período em que Jesus de Nazaré viveu, auxiliando na compreensão de suas mensagens e do impacto causado por sua vinda nas sociedades da época. Ainda, a Bíblia não apresenta uma imagem histórica precisa da vida de Cristo, pois o objetivo do Evangelho é apresentar a sua mensagem.

A pesquisa foi conduzida com base na situação descrita, de modo a encontrar na literatura elementos que auxiliem a compor uma imagem do Jesus histórico. O problema de pesquisa, portanto, é: quais as principais evidências que contribuem para compor a imagem do Jesus histórico?

A pesquisa se justifica, inicialmente, pelo fato de o Novo Testamento não apresentar uma imagem histórica necessariamente precisa da vida de Jesus Cristo. Como o objetivo dos Evangelhos é transmitir sua mensagem, e não compor sua

biografia, muitos detalhes de sua construção histórica e do período em que ele viveu devem ser obtidos por outras fontes.

Pesquisar as principais fontes que contribuem para uma melhor visão do período e local em que Jesus viveu, e que auxiliam a moldar a sua imagem histórica, é importante para uma melhor compreensão de sua mensagem, possibilitando um conhecimento aprofundado sobre o contexto em que ele viveu a Paixão e apresentou o Evangelho.

Assim, o objetivo geral é identificar as principais evidências que contribuem para compor a imagem do Jesus histórico. Considerando o problema de pesquisa e os objetivos propostos, a metodologia adotada para o desenvolvimento desta pesquisa foi a revisão de literatura, que permite coletar estudos e discuti-los, levando a novas percepções e a uma síntese de seus conteúdos.

Foram coletados artigos escritos publicados entre 2002 e 2021, buscados sob os seguintes descritores: “Jesus histórico”; “Evangelho”; “Arqueologia”. Os artigos foram buscados nas bases de dados Scielo e Google Acadêmico, sendo escolhidos com base em sua relação com o tema. Foram selecionados trabalhos escritos em português, e desprezados aqueles escritos em outras línguas.

183

1 O CONCEITO DE JESUS HISTÓRICO

O conceito de Jesus histórico envolve um trabalho acadêmico de reconstruir o contexto da Galileia do século I, em que Jesus viveu, como também eventos mencionados nos Evangelhos sobre a vida de Jesus, e outros eventos não mencionados nos textos que compõem a Bíblia. O principal objetivo dessa reconstrução é jogar luz sobre a existência do Filho de Deus, buscando tecer uma biografia sua.

A pesquisa sobre o Jesus histórico é recente, concomitante ao desenvolvimento da História como uma ciência em sua concepção moderna, aliada ao método científico. Assim, o Jesus histórico passou a ser reconstruído a partir do século XVIII, com estudos que continuaram sendo desenvolvidos nos séculos seguintes, e ainda hoje são motivos de intensos debates (FUNARI, 2006).

Outras motivações para a reconstrução histórica de Jesus incluem o pensamento racionalista e a busca pela reconstrução de uma verdade histórica por meio da razão, já que os textos bíblicos são fragmentados e passaram por processos de debate e classificação. A descoberta de Evangelhos apócrifos também fomentou esse processo (THEISSEN; MERZ, 2002).

Deste modo, há alguns elementos que compõem uma visão do Jesus histórico, com base na literatura da área, dentre os quais: a) ele viveu na região da Galileia durante a primeira metade do século I, sendo filho de um carpinteiro, e que devia ter outros irmãos; b) João Batista o batizou, e deve ter sido um de seus professores; c) foi crucificado na páscoa do ano 30, após menos de um ano como rabi na região próxima do Mar da Galileia; d) ao menos uma peregrinação a Jerusalém foi realizada por ele; e) ele era especialista em contar parábolas, em ética autônoma e em profecias apocalípticas, e professava a vinda do Reino de Deus (CHEVITARESE; SELVATICI; CORNELLI, 2006).

Alguns pesquisadores divergem a respeito de certos aspectos: enquanto o seu Reino de Deus é visto como apocalíptico por um grupo de autores, outros preferem considerá-lo moral, apenas. Isso interfere também na visão a respeito das declarações apocalípticas de Jesus nos Evangelhos (CHEVITARESE; FUNARI, 2012).

184

De todo modo, a reconstrução histórica concorda que Jesus provocou uma perturbação no templo no período da Páscoa, tendo sido preso, condenado e executado por crucificação. Contudo, seu movimento ganhou força, capitaneado por seu irmão Tiago, o Justo, e por alguns de seus apóstolos (CHEVITARESE; SELVATICI; CORNELLI, 2006).

A concepção do Jesus histórico, portanto, traça muitos eventos já apresentados no Novo Testamento. Contudo, ela também utiliza fontes não bíblicas para traçar paralelos e identificar outros fatos que não foram cobertos pelos autores dos Evangelhos.

1.1 PRINCIPAIS FONTES PARA SUA CONSTRUÇÃO

Diversas fontes são utilizadas para a reconstrução do Jesus histórico, como:

os Evangelhos, achados arqueológicos, documentos de historiadores do mundo antigo, Evangelhos apócrifos, dentre outros. Assim, o Jesus histórico tende a ser diferente da concepção baseada unicamente em como o Novo Testamento retrata o Filho de Deus.

Uma dessas concepções é o Jesus Seminar, que busca analisar, com base no estudo da história antiga, o que Jesus poderia ter dito e poderia ter feito, tendo vivido na Galileia do século I. Esse movimento, que buscava a distinção entre o Jesus da fé e o Jesus histórico, reconhecia os Evangelhos de Marcos, Lucas e Mateus como mais confiáveis que o de João, e o de Marcos sendo o mais confiável entre todos. Tal corrente também reconhecia a existência da Fonte Q, suposto original que teria inspirado os Evangelhos de Mateus e de Lucas (SCHIAVO, 2009).

O Jesus Seminar se baseia fortemente em como os Evangelhos influenciaram uns aos outros, e utiliza também apócrifos para a análise, como o Evangelho de Tomé, chegando à conclusão de que a auto-referência como o Caminho, a Verdade e a Vida, a recomendação de Pedro como fundamento da Igreja, e discursos sobre o fim dos tempos, dentre outros trechos, seriam acréscimos posteriores, não presentes nos Evangelhos originais e não fazendo parte do discurso de Jesus. Por discordarem da infalibilidade das Escrituras, o Jesus histórico Seminar não pode se conciliar com o Cristo de Fé (FERREIRA, 2009).

Paralela ao Jesus Seminar, a New Quest (“Nova Busca”), buscava uma reconciliação entre o Jesus da Fé e o Jesus histórico, tentando reafirmar, por meio da análise histórica, a essência do cristianismo. Conforme essa linha, os Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas são fontes confiáveis, em sua totalidade, sobre a pregação de Jesus e sua vida (VELIQ, 2019).

Na reconstrução do Jesus histórico, diversos critérios podem ser adotados, como: escolher fontes mais antigas, do século I; considerar que eventos que poderiam criar dificuldades para a Igreja primitiva, mas mesmo assim foram narrados, são verdadeiros; atestação por mais fontes de um mesmo evento é um sinal de sua veracidade; o evento ter sentido dentro do contexto histórico; o fato dos diálogos terem sentido também em aramaico, embora os Evangelhos sejam escritos em grego; e o fato de uma passagem atender aos objetivos específicos do autor do livro – que seria motivo para duvidar de sua verdade (CHEVITARESE; FUNARI,

2012).

O que se observa, deste modo, é que a reconstrução do Jesus histórico tem vários momentos e metodologias, valendo-se de pressupostos diversos a fim de realizar o seu objetivo: trazer luz à mensagem do cristianismo e ao período em que Jesus viveu. Analisar a literatura sobre essas várias linhas de estudo é fundamental para uma melhor compreensão das evidências históricas sobre Jesus e para uma percepção do contexto em que ele caminhou sobre a Terra.

1.2 AS VÁRIAS FASES DA BUSCA PELO JESUS HISTÓRICO

No decorrer da história, houve uma série de movimentos em busca do Jesus histórico. Houve uma alternância entre momentos de intensa busca e produção de conhecimentos e momentos de escassez de novos trabalhos. Ainda assim, é possível identificar quatro momentos principais: Velha Busca (*old quest*), Não Busca (*no quest*), Nova Busca (*new quest*) e Terceira Busca (*third quest*) (BARBAGLIO, 2011).

186

A Velha Busca tem início no século XVIII, com os trabalhos de Hermann Samuel Reimarus. Ela era embasada principalmente na doutrina do racionalismo, considerando que os Evangelhos não deveriam ser considerados como documentos históricos. Assim, eles não eram mais tidos como fontes seguras e confiáveis. A religião passou a ser observada de forma racionalista, buscando a construção de uma abordagem meramente histórica para Jesus (BOCK, 2021).

Os estudos de Reimarus, deste modo, faziam distinção entre o que Jesus pregava e entre a fé dos seus primeiros discípulos, entendendo que os registros dos primeiros evangelistas não eram fidedignos em relação ao que Jesus teria realmente dito. O pesquisador identificava uma tensão entre a figura histórica de Jesus e a figura retratada nos Evangelhos (THEISSEN; MERZ, 2002).

As pesquisas de Reimarus chocaram os teólogos cristãos, que até então jamais haviam sido confrontados com algum método que questionasse a historicidade dos evangelhos. Conforme Theissen e Merz (2002), Reimarus compreendia que Jesus pregava para os judeus, prometendo um Reino na terra, conforme os judeus aguardavam, dentro das crenças do judaísmo. O cristianismo,

como conhecemos, seria uma invenção dos apóstolos.

Na Velha Busca, portanto, Jesus seria um líder prometendo a libertação dos israelitas do domínio romano. O projeto teria fracassado, encerrado com a sua crucificação, e seus apóstolos, por sua vez, modificaram a mensagem, para contar uma história de vitória e pregar a vinda de um reino além do mundo físico (BARBAGLIO, 2011).

E Reimarus não estava sozinho nessa ideia; David Friedrich Strauss concebia Jesus como um mito sincretista, sintetizando interpretações racionalistas e supranaturalistas. O fato de haver um mito, em sua percepção, não resultava em uma fraude – ponto em que ele divergia de Reimarus –, mas apenas num processo inconsciente dos autores dos evangelhos (THEISSEN; MERZ, 2002).

Strauss enxergava uma relação literária entre os Evangelhos, considerando Marcos o mais antigo entre eles, e que o de João era o menos confiável. Mais tarde, no século XIX, outros pesquisadores acabaram identificando muitos versículos de Lucas e Mateus que são, realmente, oriundos do livro de Marcos; outros, porém, são oriundos de outra fonte, compartilhados por Lucas e Mateus. Hoje, essa fonte é considerada a Fonte Q, algum registro perdido de pregações de Jesus (BOCK, 2021).

Na fase final do período da Velha Busca, destaca-se o trabalho de Albert Schweitzer (2020). O autor criticou as pesquisas realizadas até então, considerando que elas eram alinhadas com os preconceitos dos pesquisadores. Deste modo, o autor tentou evitar as linhas de pesquisa até então desenvolvidas, e enxergar Jesus como um profeta judeu, alinhado a ideias apocalípticas e que morreu na cruz para atrair para si as dores de um Messias sofredor.

O trabalho de Schweitzer trouxe grande impacto, e acabou resultando na fase da Não Busca. Com a percepção de que havia muita incerteza a respeito de como construir uma historicidade de Jesus, conclui-se que os Evangelhos não eram destinados a produzir um Jesus histórico, mas sim a apresentar a sua mensagem (BOCK, 2021).

Isso levou Rudolph Bultmann a concluir que a linguagem do Novo Testamento é apenas mitológica, refletindo a visão de mundo de seus autores. Os conceitos históricos incluídos nos relatos evangélicos não passariam pelo crivo

científico. O enfoque deveria estar na mensagem de Cristo e no estudo sobre ela. Os elementos mitológicos, como milagres, anjos e demônios, seriam inconcebíveis para o homem moderno (BOCK, 2021).

Outro ponto importante da teoria de Bultmann é a separação entre o Jesus histórico e o Cristo de fé. Afinal, como a fé não se fundamenta na razão, não há sentido para mesclar essas duas abordagens. Ainda, conforme os relatos, parábolas, ensinamentos e pregações foram reunidos nos Evangelhos, eles serviam ao propósito de orientar a fé das primeiras comunidades cristãs, não possuindo nenhum valor histórico (THEISSEN; MERZ, 2002).

A Nova Busca, por sua vez, foi um período iniciado por Ernst Käsemann, discípulo de Bultmann. Nessa linha de pensamento, destacou-se o estudo sobre quais palavras, nos Evangelhos, teriam sido realmente ditas por Jesus e quais não teriam sido. Assim, seria possível identificar a sua historicidade (CHEVITARESE; FUNARI, 2012).

Os dizeres de Jesus que não fizessem parte da teologia cristã e não fossem parte da teologia judaica da época seriam, portanto, autênticos. Essa abordagem minimalista, embora inovadora, também era frágil, já que o Jesus que dela emergia diferia totalmente do Jesus do judaísmo da Palestina e do Jesus que ressignificou a religião da época. Mesmo os discursos mais conhecidos de Jesus eram tidos como falsos (THEISSEN; MERZ, 2002).

Com o tempo, os critérios minimalistas adotados na Nova Busca perderam o crédito, sobretudo por desconectarem Jesus do contexto religioso, histórico e social em que ele viveu. A desconstrução resulta em tão pouco material que impossibilita reconstruir algum personagem histórico.

A Terceira Busca, por sim, ganha força especialmente após os anos 1980. As pesquisas sobre o Jesus histórico são retomadas, buscando caracterizar diversos aspectos da vida judaica, como suas tradições, sua literatura, seus pensadores, seus conceitos e seus grupos. Utilizando diversas disciplinas, como sociologia, arqueologia, antropologia e história, a uma busca centrada em reconstruir Jesus como homem de seu tempo (THEISSEN; MERZ, 2002).

Se a Nova Busca tentava extrair Jesus das mensagens judaicas, a Terceira Busca faz o contrário, enxergando-o como um judeu do século I. Utilizando fontes

históricas e de outras ciências a respeito do período em que Jesus viveu, a Terceira Busca partia da premissa de que era possível, sim, conhecer o Jesus histórico (BARBAGLIO, 2011).

Os Manuscritos do Mar Morto, descobertos em 1947, tiveram um papel essencial no surgimento da Terceira Busca. Esses livros perdidos, apócrifos, traziam visões distintas sobre Jesus e os apóstolos, e permitiam novos olhares sobre o caldeirão cultural judaico do século I. Assim, era possível analisar a relação entre Jesus e a religião judaica. Foram, assim, realizados seminários a respeito de Jesus e implementadas metodologias a fim de identificar a autenticidade dos ditos atribuídos a Jesus (THEISSEN; MERZ, 2002).

Dentro do objetivo de libertar Jesus dos dogmas construídos ao longo dos milênios pela igreja, essa metodologia parte dos quatro Evangelhos canônicos e do Evangelho de Tomé, uma coletânea de citações atribuídas a Jesus Cristo. O grupo de pesquisadores tinha duas reuniões anuais em que votava de forma secreta e democrática a autenticidade de fatos e frases. Também havia nuances que representavam a intensidade com que acreditavam que cada documento pudesse ser autêntico (SEGALLA, 2013).

Essa atuação era norteada pelos seguintes princípios: a) o Evangelho e o estudo do contexto histórico não eram misturados; b) o contexto era estudado antes do texto; c) os Evangelhos, não sendo documentos históricos, não influenciavam o estudo do contexto; d) o contexto era estudado com base na arqueologia, na história e na antropologia; e) eram indagados sobre os textos sinóticos que se referiam ao Jesus histórico (BARBAGLIO, 2011).

Diante de sua abordagem multifacetada, a Terceira Busca é alinhada ao estudo contemporâneo das religiões, dialogando com várias disciplinas e compreendendo Jesus dentro do contexto em que ele se inseriu. Ela se difere das buscas anteriores pela confiança na historicidade dos Evangelhos, pela importância atribuída a Jesus no campo teológico e por um novo paradigma de confronto (SEGALLA, 2013).

2 O JESUS HISTÓRICO DENTRO DA TERCEIRA BUSCA

A análise sobre o Jesus histórico envolve, inclusive, a tradição oral que se estabeleceu antes mesmo da crucificação. Essas tradições orais foram passadas adiante e influenciaram a redação dos Evangelhos. Um ponto importante sobre a tradição oral é que ela é adaptável a locais e circunstâncias, modificando-se com o tempo. Assim, as tradições se alinharam às peculiaridades das comunidades em que elas se desenvolviam. Os Evangelhos, deste modo, representam essas tradições como se apresentavam nos primeiros séculos do cristianismo (DUNN, 2013).

A Terceira Busca, mais recente corrente de pesquisas sobre o Jesus histórico, apresenta uma série de conclusões e concepções a respeito desse personagem. Ele foi um judeu do século I, tendo participado de ritos judaicos e dialogado com religiosos de um meio com muitas crenças e correntes, com base no apanhado histórico do judaísmo.

Considerar Jesus como um judeu, de fato, é algo que foi apoiado e descreditado por várias vezes ao longo da história, sobretudo por ele ser um mestre do cristianismo, religião mais próxima do mundo greco-romano do que do mundo judeu. O judaísmo, ainda, é visto como a religião que se tornou obsoleta conforme o cristianismo se estabeleceu, isso dentro da mitologia cristã (BARBAGLIO, 2011).

Os estudos ainda apontam que a tensão anti-judaica é oriunda do texto em grego dos Evangelhos, e que se deve principalmente ao Evangelho de Mateus. Isso se deve principalmente ao contexto em que o livro foi escrito, de uma comunidade pequena, há pouco separada de sua sinagoga, tentando forjar sua identidade e lutando para se afirmar e, ao mesmo tempo, se abrir aos povos gentílicos (FLUSSER, 2002).

Diante dessas percepções, resta que Jesus era um típico judeu de sua época. Ele frequentou a sinagoga e o Templo de Jerusalém, tendo seguido os ritos judaicos, tendo observado a lei e guardado o sábado, além de ter seguido a Torá. Jesus era um judeu e queria ser um judeu, e isso pode ser observado, também, nos Evangelhos, que foram escritos com base em tradições orais de um período em que Jesus era visto como um Messias judeu, que estabeleceria um Reino davídico, libertando os judeus do jugo romano (BARBAGLIO, 2011).

Um ponto importante a ser mencionado é que o estudo da história considera também a figura do historiador. Trata-se de uma visão pós-moderna, não mais alinhada ao Iluminismo, ao positivismo mecanicista, entendendo, assim, o registro histórico dentro da realidade hermenêutica. A realidade histórica, deste modo, transcende a própria história escrita, que é uma expressão dela, apenas o que se escreveu sobre ela (SEGALLA, 2013).

Todas essas concepções são fundamentais para a Terceira Busca, e para o Jesus histórico delineado por ela. Assim, há várias camadas na compreensão sobre Jesus, sobretudo considerando os dois mil anos de cristianismo e como ele era construído em cada uma dessas épocas. Isso inviabiliza uma visão definitiva sobre o Jesus histórico.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como objetivo identificar as principais evidências que contribuem para compor a imagem do Jesus histórico. Foi possível, a princípio, apontar quatro correntes principais de construção do Jesus histórico: a Velha Busca, a Não Busca, a Nova Busca e a Terceira Busca. A última, mais recente, é também a mais científica e multidisciplinar.

A construção do Jesus histórico é uma tarefa árdua e complexa, e que talvez jamais apresente uma resposta definitiva. Ela depende de analisar os Evangelhos e contextualizá-los, bem como de considerar os diversos aspectos do judaísmo e da Palestina do século I, em que Jesus viveu. Apenas com uma análise abrangente é possível oferecer respostas sólidas nessa construção.

Jesus foi um judeu, estudou as tradições judaicas e pregou, para muita gente em seu tempo, sendo visto como um Messias judeu, que libertaria sua nação do domínio romano e estabeleceria um Reino davídico. Ainda, a tradição oral se modificou com o tempo e se adequou às realidades das várias comunidades cristãs. Mesmo após a escrita dos Evangelhos, as interpretações se alinharam às necessidades.

A pesquisa foi fundamental para identificar várias linhas de pensamento na construção do Jesus histórico, e em como cada período exerce forte influência no trabalho de pesquisadores e em suas percepções sobre o tema. Para pesquisas

futuras, a sugestão é de discorrer sobre as várias tendências na Terceira Busca, como o Jesus Seminar e outras, contrapondo-as e apontando seus pontos sólidos e suas fraquezas.

REFERÊNCIAS

BARBAGLIO, Giuseppe. **Jesus, hebreu da Galileia: Pesquisa histórica**. São Paulo: Paulinas, 2011.

BOCK, Darrell (ed.). **O Jesus histórico: critérios e contextos no estudo das origens cristãs**. Londrina: Thomas Nelson Brasil, 2021.

CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele; SELVATICI, Monica (orgs.). **Jesus de Nazaré: uma outra história**. São Paulo: Annablume, 2006.

CHEVITARESE, A. L.; FUNARI, P. P. A. **Jesus Histórico, uma brevíssima introdução**. Rio de Janeiro: Kline, 2012.

DUNN, James DG. **Jesus em nova perspectiva**. São Paulo: Paulus, 2013.

FERREIRA, Joel Antônio. As Ciências da Religião Iluminadas pela Literatura Sagrada. **Revista Caminhos-Revista de Ciências da Religião**, v. 7, n. 1, p. 7-9, 2009.

FLUSSER, David. **O judaísmo e as origens do cristianismo**. Vol. III. Trad. Marcos José da Cunha. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

FUNARI, Pedro Paulo A. O Jesus histórico e a contribuição da Arqueologia. *In*: CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele; SELVATICI, Monica (orgs.). **Jesus de Nazaré: uma outra história**. São Paulo: Annablume, 2006, p. 217-226.

SCHIAVO, Luigi. A busca pelas palavras e atos de Jesus: o Jesus Seminar. **Revista Caminhos-Revista de Ciências da Religião**, v. 7, n. 1, p. 29-53, 2009.

SCHWEITZER, Albert. **A Busca do Jesus Histórico**. São Paulo: Fonte Editorial, 2020.

SEGALLA, Giuseppe. **A pesquisa do Jesus histórico**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. **O Jesus histórico: um manual**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

VELIQ, Fabrício. A segunda busca do Jesus histórico: um momento de conciliação. **Reflexão**, v. 44, e194573, 2019.